

MEMÓRIAS E COTIDIANO DE UM BAIRRO EM GOIÂNIA

MEMORIES AND DAILY LIFE OF A NEIGHBORHOOD IN GOIÂNIA



Adriana Mara Vaz de Oliveira

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

amvoliveira@ufg.br



Elane Ribeiro Peixoto

Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

elane26rp@gmail.com

Resumo

Este artigo constrói uma história do bairro Vila Nova em Goiânia. Uma história de bairro apresenta grande variação de nuances. Se por um lado, pode-se construí-la a partir de sua forma física, por outro, essa materialidade só se completa com sua textura social. Como objetivo principal, opta-se por construir uma versão que abrangesse os estudos morfológicos, as memórias e as práticas da vida cotidiana. Metodologicamente, percorre-se a história do bairro por meio da bibliografia até então produzida, assim como produzimos etnografias urbanas que contemplam a observação participante e suas práticas cotidianas e utilizam-se entrevistas que tecem memórias do lugar. Ao final, constata-se que por meio do depoimento de moradores da Vila Nova e suas vivências cotidianas, conhece-se o significado do seu bairro, e supera-se os limites de entendimento do seu registro físico, para alçar um conteúdo mais completo para uma história urbana.

Palavras-Chave: Goiânia. Cidade brasileira. Bairro. Memória. Cotidiano.

Abstract

This article constructs a history of the Vila Nova neighborhood in Goiânia. A history of a neighborhood presents a great variation of nuances. If, on one hand, it can be constructed from its physical form, on the other hand, this materiality is only completed with its social texture. As a main goal, we have chosen to build a version that encompasses morphological studies, memories, and the practices of daily life. Methodologically, we went through the history of the neighborhood through the bibliography produced so far, as well as producing urban ethnographies that contemplate participant observation and its daily practices and use interviews that weave memories of the place. At the end, we verify that through the testimony of Vila Nova residents and their daily experiences, we get to know the meaning of their neighborhood, and overcome the limits of understanding of its physical record, to raise a more complete content for an urban history

Keywords: Goiânia, Brazilian city. Neighbourhood. Everyday life.

Introdução - A cidade e a pesquisa

As portas de entrada das cidades não são mais aquelas abertas em suas muralhas, mas” construções intelectuais que buscam dar conta das várias facetas da vida urbana” (BRESCIANI, 1991, p.10). Esse entendimento permitiu à Maria Stella Bresciani reconhecer no século XIX o momento em que a cidade começa a ser problematizada como questão urbana. As portas da cidade, de que falava a autora, oportunizaram estudos históricos, entre outros, que percorriam a técnica, a questão social, as identidades sociais, as sensibilidades, a cultura popular e as subjetividades.

Entre essas portas, interessa aquela que lida com a relação subjetiva das pessoas com a cidade, em especial a memória e o cotidiano. Tal visão apoia-se em autores que, como Anne Cauquelin (1982), apontam para a insuficiência das análises morfológicas do ambiente construído e sugerem a relevância dos comportamentos, práticas, gestos e memórias na conformação da matéria urbana. A urdidura entre o material, o construído, e o imaterial, o vivido, compõe o espaço e podem gerar dobras (CAUQUELIN, 1982) ao longo do tempo. As dobras constituem tudo aquilo que provém do passado - as memórias, lacunas e esquecimentos - e são transmitidos e compartilhados pelos moradores da cidade, complementando suas próprias vivências.

Partilhamos com Bresciani esta compreensão que nos norteou a pesquisar Goiânia, cidade construída no interior do Brasil na década de 1930. Arquitetos, urbanistas, historiadores e antropólogos realizaram estudos preciosos sobre Goiânia. Com abordagens variadas, esses estudos, em geral, visam uma versão de história urbana que abarca a cidade no seu todo, sendo mais raros aqueles cujo foco recai sobre um bairro. Reconhecendo esta lacuna, optamos por tomar um dos bairros operários da capital goiana como nosso “objeto” de investigação. Mas antes de nos determos no Bairro Vila Nova, apresentamos Goiânia, mesmo que de forma sucinta.

A capital de Goiás insere-se na história urbana brasileira como uma importante realização do século XX. Seu projeto urbanístico conjuga duas vertentes urbanísticas: uma de origem francesa e outra de origem inglesa. Morfologicamente a cidade apresenta aspectos clássicos do projeto inicial de autoria do arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima associados ao pitoresco característico das cidades-jardins, proposto pelo engenheiro Armando Augusto de Godoy. Foi inaugurada em 1937 e em 1942, ocasião de seu batismo cultural, sua população havia dobrado. Até esta data, o espaço urbano seguia sob o controle do Estado, situação alterada a partir de 1947, quando ocorreu a liberação das terras particulares para loteamento. Desse momento em diante, o crescimento de Goiânia e de sua população dilatou-se e foi acentuado pela construção de Brasília, em 1957. Nestas circunstâncias, Goiânia tornou-se um ponto de apoio para a construção da nova Capital Federal, dela distante 220 quilômetros. Foi nela que Bernardo Saião, o engenheiro que atuou na construção de Brasília e em sua conexão com o Belém, fixou sua família de forma a poupá-los das dificuldades de viver nos acampamentos das construtoras ou da Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital).

3

Goiânia chega ao século XXI com aproximadamente um milhão e trezentos mil habitantes, distribuídos em mais de quatrocentos bairros, sendo a sede de uma região metropolitana composta por mais dez outros municípios.

Feita esta breve apresentação sobre Goiânia, retornemos ao debate sobre a opção de pesquisar e construir uma história de bairro. Compreendemos que esta escala da cidade se posiciona entre o espaço mais íntimo e privado da casa e o espaço desconhecido da cidade até do mundo. Como ligação entre um dentro (casa) e um fora (cidade), o bairro, pode-se dizer, apreende a vida urbana de maneira abrangente, porque articula diferentes práticas e dinâmicas e define-se, por semelhança ou diferença, do todo citadino, sem contudo, deixar de estabelecer com ele coexistências.

A definição da palavra bairro há muito permeia a ideia de parte da cidade. Lira(2014, p.85) aponta que os dicionários da língua portuguesa do século XVIII

mencionavam “quartel de cidade”, para designar partes da cidade, aos moldes do quartier francês. Logo, essas partes se transformaram em bairros, entendidos como as parcelas urbanas fiscalizadas por algum tipo de autoridade, fosse administrativa ou policial. Completa ainda que, no mesmo período, recorria-se à palavra bairro para designar pequenas povoações ou lugar pequeno nos arredores das cidades, conferindo-lhes coesão em contraposição a outros lugares. Percebe-se que a história da palavra permite o encadeamento com a compreensão atual do termo.

No Brasil, nas metrópoles e cidades menores, para todo indivíduo, como para as autoridades municipais, bairro continua a ser aquela parte ou divisão costumeira da cidade. É a referência a ele que fornece ao cidadão seu endereço e sentimento de pertença – e até mesmo de bairrismo, como expressão de auto-estima ou de um espírito de exclusividade e recesso – assim como o acesso aos poderes administrativos, recursos e serviços públicos (LIRA, 2014, p.86).

As definições do termo nos indicam e reafirmam seu dado físico e sua dimensão existencial, atribuindo sentido ao viver urbano. Por isso, uma história de bairro apresenta uma grande variação de nuances. Se por um lado, pode-se construí-la a partir da evolução de sua forma física, por outro, essa materialidade só se completa pela visualização de sua textura social. Optamos por uma construção histórica em que se trabalha a matéria objetiva do bairro enquanto “terra eleita” para as práticas da vida cotidiana. Nosso terreno eleito, o bairro Vila Nova, perscrutamos sua história, aferindo sua materialidade e suas vivências cotidianas. Para esse percurso, observamos relatos de memórias, coletados pela pesquisa e, particularmente, no trabalho de autoria de Sílvia Mattos, que fez um exaustivo trabalho com os pioneiros daquele lugar, além de registros das práticas atuais existentes no bairro.

O bairro e suas memórias

O plano de Atílio Corrêa Lima para Goiânia contemplava os setores Central, Norte e Sul, além de um esboço do Setor Oeste, que deveria ser projetado posteriormente.

Esse plano pautava-se na monumentalidade do urbanismo ensinado no Instituto de Urbanismo de Paris que se tornou referência para os planos urbanos de cidades coloniais, como Istambul, por exemplo, e notabilizou urbanistas como Agache, Henri Prost, León Jaussely, entre outros. Expressam essa monumentalidade as avenidas principais da cidade que culminam no centro administrativo, o rigor no tratamento geométrico do traçado das vias, a preocupação com a legislação urbana que regulamenta as construções e define o zoneamento urbano. O Setor Sul e o Setor Oeste posicionavam-se em continuidade ao traçado da região central, o primeiro continha um núcleo radial, originado no centro cívico, e se desenvolvia em uma quadrícula ortogonal, proposta que se repetiu para o segundo bairro. O Setor Norte, no plano inicial de Corrêa Lima, repetia o sistema da grelha, dando continuidade ao Setor Central.

O plano de Goiânia sofreu alterações com a desvinculação de Corrêa Lima da construção da cidade que ficou a cargo dos irmãos Coimbra Bueno. A alteração mais radical deu-se na proposição do Setor Sul, realizada pelo engenheiro Armando Augusto de Godoy, cujo projeto de traçado orgânico inspirava-se nas cidades jardins inglesas, e, particularmente, na cidade de Radburn, nos Estados Unidos. Godoy não refez a proposta para o Setor Oeste porque, em consonância com o conceito de cidade-jardim, o crescimento da cidade deveria se dar por meio de cidades-satélites, separadas do núcleo central por áreas verdes.

Corrêa Lima e Godoy não projetaram o Setor Leste por acreditarem que os bairros iniciais seriam suficientes para a população estimada de 50 mil habitantes. Ledo engano, pois mesmo antes das obras iniciais da cidade, a área a leste do Setor Central vinha sendo ocupada informalmente.

Os trabalhadores contratados pelo Estado, vindos de vários lugares do país, ocupavam ranchos improvisados em áreas no interior do perímetro urbano, próximas ao córrego Botafogo. Outros migrantes, desprovidos de recursos para aquisição de lotes, mas movidos pela busca de trabalho e oportunidades, construíam suas moradias precárias do outro lado do córrego, em área não parcelada e que se

tornaria depois mais um bairro da capital o Setor Leste. Essas ocupações informais eram preocupações constantes do interventor Pedro Ludovico que empreendeu uma campanha de remoção das populações, recusando-lhes a oferta de energia elétrica e mandando demolir suas construções. Segundo Álvares (1942), cujas informações foram confirmadas por um relato de quem viveu naquele período:

[...] porque o Pedro Ludovico nessa época era interventor. Ele assim... eu não sei se é porque era a maneira de governar... não tinha esse negócio de dó dos outros não. Mandava arrancar as pessoas das casas tudo. Derrubava as casas, passava o trator em cima. E meu pai lá na frente, apedrejando para impedir, sabe (V.C. apud MATTOS, 2008, p.66).

Sem opção, restou ao interventor a urbanização da área, sendo uma delas o bairro à leste da cidade, a Vila Nova. Segundo Gonçalves (2002):

No início da década de 1940, a Vila Nova e o “Bairro do Botafogo” se apresentavam como uma realidade incontestável. O número de famílias que lá residiam demonstrava ser praticamente impossível viabilizar um processo de remoção. (...) O interventor Pedro Ludovico (...) contrariando o Plano de Urbanização de Goiânia, encomendou aos técnicos do Estado, ainda em 1939, a urbanização e regularização do “Botafogo”, num trecho que ficava compreendido entre a avenida Anhanguera e a Rua 67, onde atualmente se localiza a Vila Nova [...].(GONÇALVES, 2002, p.95-96)

Apesar da intenção de Pedro Ludovico, o mesmo autor cita o jornal O Popular de 1945, mostrando que a situação ainda permanecia inalterada.

Vila Nova e seu drama doloroso – Vila Nova e Botafogo, habitados por gente ordeira e laboriosa, são os bairros mais pobres desta capital. (...) sua população, quase totalmente constituída de operários, hoje, mais do que nunca, atravessa uma faze de desalento e de aperturas, por haver a Secretaria de Economia Pública proibindo que sejam abertas cisternas (...) o Departamento acima aludido, não permite também, a reconstrução dos prédios existentes naquele bairro, por serem eles, em grande parte, de aspecto antiestético e avelhantado. (...) vimos naquele bairro muitas famílias dormindo ao relento, porque suas casas não puderam ser retelhadas, também crianças sujeitas aos ventos frios e cortantes da noite, pelo fato das paredes desmoronadas não poderem ser reconstruídas (GONÇALVES, 2002, p.96-97).

Uma moradora do lugar naquele tempo relatou suas lembranças para Sílvia Mattos em sua dissertação de mestrado:

Aqui da 1ª Av., aqui da 227 até a 5ª Av. foi invasão, que anoitecia sem casa e amanhecia o pessoal já morando, construía. Nós mesmos construimos lá uma casa de três cômodos, um barracão de três cômodos numa noite, bem feio, alto, numa noite. Numa noite construimos, quando amanheceu o dia. Mais ou menos sete e meia, oito horas, o fiscal passou, a gente já morava dentro. Era rápido, num instantinho, parecia formiguinha trabalhando, do mais velho ao pequenininho, carregando água, amassando barro, fazia aqueles buracos assim com terra fofa, amassava o barro e cada um servia de servente, o pedreiro lá trabalhando a noite toda. Amanhecia já prontinha, só faltava o reboco e o acabamento. A família já estava morando dentro (L.A.V. apud MATTOS, 2008, p.63).

Em 1947, o Setor Leste foi incluído na Planta Geral de Urbanização de Goiânia (Figura 1), sendo aprovado pelo Decreto-Lei 73 de 31 de julho de 1945, compreendendo partes do que é hoje o Setor Universitário, a Vila Nova e a Nova Vila. De fato, como aponta Daher (2003), o parcelamento existia no papel, mas o espaço ainda continuava ocupado de forma desordenada e irregular. A situação dos moradores só foi regularizada a partir da desapropriação dos terrenos e doação dos lotes feita pelo Estado no ano seguinte.

Figura 1- Planta Geral de Urbanização de Goiânia, 1947.

MEMÓRIAS E COTIDIANO DE UM BAIRRO EM GOIÂNIA

Adriana Mara Vaz de Oliveira e Elane Ribeiro Peixoto



Foto: <http://vm136.lib.berkeley.edu/EART/maps/goianix.gif>. Acesso: janeiro, 2018.

O projeto do Setor Leste foi proposto pelos técnicos da Secretaria de Obras do Estado, sob a coordenação de José Amaral Nedermeyer e de Eurico Viana, compreendia a Vila Nova e o Setor Universitário. No que tange à Vila Nova, seu traçado caracterizava-se pela organização a partir de uma praça central, de onde irradiam oito vias até os limites do bairro, gerando quadras irregulares e regulares, cuja divisão é em malha ortogonal. Os limites do bairro eram a sul a Avenida Anhanguera e o Setor Leste Universitário, a norte o Setor Nova Vila, a oeste o Parque Botafogo e o Córrego Botafogo, a leste não existia parcelamento formalizado. Com exceção da praça principal, há apenas outra pequena praça no bairro e poucas áreas institucionais, o que indica a intenção do Estado em gerar um grande número de lotes para abrigar os já residentes e futuros migrantes com poucos recursos, como testemunha um de seus moradores pioneiros:

Vila Nova nasceu praticamente junto com Goiânia. (...). Vila Nova era cidade onde o pessoal que veio trabalhar aqui, oitenta por cento dos migrantes que vieram trabalhar em Goiânia residiam todos em Vila Nova. Então aquela região nossa de Correntina, do oeste da Bahia, de uma maneira geral, ficaram quase todos em Vila Nova (J.C.S. apud MATTOS< 2008, p. 23).

8

Crescia o número de moradores da Vila Nova e a falta de investimentos da Secretaria de Economia Pública gerava reivindicações de melhoria, atendidas, principalmente, pela expressividade adquirida pelo bairro. Isso pode ser observado nas notícias sobre a passeata de dezenas de mulheres da União Feminina de Goiânia contra a carestia. Essas mulheres de Campinas, Vila Nova, Nova Vila e Botafogo reivindicavam a abertura de armazéns municipais (Jornal Debate, 1948), mas também

[...] pedindo enérgicas providências repressivas à exploração que está liquidando a economia da população goianiense (...) tendo ficado resolvido que a prefeitura instale três armazéns, nesta capital, sendo um em Campinas, outro no Botafogo e um terceiro na Vila Nova, servindo também à população de Nova Vila [...] (JORNAL DEBATE, 1948).

Passados alguns anos da regularização, o governo construiu um conjunto habitacional de cinquenta casas populares chamado Presidente Juscelino

Kubitschek, cuja inauguração contou com um representante do presidente da República – o ministro do Trabalho Parcifal Barroso – e o governador de Goiás José Ludovico de Almeida (JORNAL FOLHA DE GOYAZ, 1958). Provavelmente, essas casas tenham sido construídas a partir da doação de 400 lotes na Vila Nova feita em 1948, pelo então governador de Goiás Jerônimo Coimbra Bueno, para a Fundação Casa Popular (FCP), ainda que muitos desses lotes tenham sido permutados pelo Estado ao longo do tempo (GONÇALVES, 2002).

Para os pioneiros do bairro, a memória que ficou é de que essas casas populares eram “casas do Getúlio”, porque conseguidas durante o governo Vargas, por empenho de um mestre de obras e vereador local Boaventura Moreira de Andrade (MATTOS, 2008).

Essas casas somavam-se sem muita distinção às outras habitações do lugar. Todas eram modestas em dimensão e estrutura arquitetônica, em um pavimento, construídas com materiais convencionais acessíveis, como tijolos e telhas cerâmicas, afastadas dos limites do terreno como impunha a legislação urbana, dotando o bairro de um aspecto de pequena cidade do interior. Com o passar do tempo e o crescimento das famílias, os lotes subdividiam-se e construíam-se outras moradias para abrigar filhos e parentes, muitas delas coladas aos limites do lote, moldando uma nova característica para o lugar. Surgiam os lotes com barracões, que seriam pequenas casas de meia água. (Figuras 2 e 3).

Os recursos para a consolidação do bairro eram poucos e demorados, pois toda a cidade estava em construção. Notícias do jornal Folha de Goyaz dizem que caminhões da prefeitura jogavam água nas ruas da Vila Nova para amenizar os efeitos da poeira fina e sufocante. V. C. (apud MATTOS, 2008, p.75) lembra: “Vila Nova sem luz, sem asfalto, sem nada. Só tinha as casas, aquelas casinhas. Tudo assim, casa de vila. Não tinha a praça, não tinha nada, nada, nada.” Importante lembrar que os outros bairros da capital eram conhecidos como setores, esse Setor Leste era vila, Vila Nova. Seria uma referência às vilas operárias existentes em outros estados?

Figura 2 - Casa popular remanescente

Foto: Acervo da pesquisa, 2012.

Figura 3 - Compartilhamento do lote: barracões.

Foto: Acervo da pesquisa, 2012.

10

Além das casas simples, destaca-se, nesse depoimento, a praça principal, um espaço vazio em chão batido, mas que ainda assim, cumpria o seu papel de centralidade, pois reunia em seu perímetro a igreja católica, a feira livre, moradias e estabelecimentos comerciais. No seu relato para a pesquisa, M. (OLIVEIRA, PEIXOTO, 2007), uma senhora octogenária e proprietária de um estabelecimento comercial do mercado da Vila Nova, conta que a feira existente na praça era muito concorrida e agregava produtos de toda natureza, em meio a muita poeira. Curiosamente, nos anos de 1950, a própria praça foi local de moradia: “[...] aí aonde é essa praça, nos anos 50, ali bem no centro morava uma família (...). Ali ele tinha umas plantações, criava galinha, criava porco, tudo ali, no meio da praça” (M.R.S. apud MATTOS, 2008, p.99).

A praça teria o nome de Coração de Jesus, que foi substituído pelo de Boaventura em homenagem ao líder comunitário, falecido naquele período. Local de jogos de futebol, brincadeiras de criança, realização de comícios e instalação eventual de circo, a praça funcionava como um centro de sociabilidade, espaço de comunicação entre vizinhos e footing aos finais de tarde. Com a construção do mercado e a posterior urbanização da praça na década de 1960, seu movimento

foi intensificado inclusive por abrigar atividades cívicas – que simbolizavam a incorporação do assentamento operário à cidade capital. Em foto de 1967 de Hélio Oliveira (Figura 4), nota-se a praça urbanizada, com canteiros ajardinados e iluminação pública. Nesse período, em função do crescimento acelerado da capital e da sua verticalização, a horizontalidade do bairro, caracteristicamente residencial, é interrompida nas imediações da praça, com a existência de edifícios de alguns pavimentos, além da construção de uma pequena escola e de uma igreja evangélica. A partir de então, a Praça Boaventura tornou-se foco de mais atenção, atraindo pessoas de vários lugares da cidade e do entorno, que vinham ao mercado, principalmente, à procura de seus produtos.

Figura 4 - Praça Boaventura, 1967.



Fonte: Oliveira, 2008

Uma área institucional na Avenida Anhanguera abrigou outro local importante para o bairro, o Instituto de Educação de Goiás (IEG), novo nome da Escola Normal do Estado, dedicada à formação de professoras. Em 1950 iniciou-se a construção desse edifício na Vila Nova, mas disputas políticas prolongaram-na por vários anos, ensejando a ocupação do edifício por 100 famílias. Em 1956, após o retorno de Pedro Ludovico ao poder, o Instituto de Educação foi concluído (BRZEZINSKY, 2006, p.5256). Tornou-se uma referência para o ensino feminino no Estado, ultrapassando a memória do bairro. O pioneiro E. A. B. (apud

MATTOS, 2008, p.131) conta: “[...] ali se tornou um colégio não da Vila Nova, mas um colégio da cidade. (...) era uma referência para normalista, para mulher na época.”

As transformações acentuaram-se a partir da década de 1960, creditadas por alguns à própria existência do Instituto de Educação, que atendia moças da elite goianiense. Em 1963 a Avenida Anhanguera, a linha limítrofe ao sul do bairro e que o separa do Setor Leste Universitário além de ser a conexão com o centro da cidade, foi retratada no local onde seria implantada a Praça do Botafogo, que viria a ser um importante marco do lugar. Observa-se que às margens da avenida principal de Goiânia, surgiam também alguns edifícios de pavimentos, efetivando a conexão do centro com o bairro. Entretanto, a Vila Nova ainda tinha ruas não asfaltadas e sua ocupação, com habitações de um ou dois pavimentos, diluía-se em meio à presença da arborização. (Figura 5)

Figura 3 - Avenida Anhanguera, 1963. Setor Vila Nova à esquerda.



Fonte: Oliveira, 2008.

O crescimento da cidade acarretou mudanças positivas e negativas para o bairro. A melhoria da infraestrutura e a urbanização de seus espaços públicos contribuíram para seu crescimento e valorização. A horizontalidade foi substituída por edifícios em altura e a proximidade do centro implicou a vida de uma nova população para o lugar, além de novos serviços. Paralelamente à “modernização” do bairro,

os jornais noticiavam os crimes, como pode ser observado na notícia do Jornal O Popular (1993):

Grande incidência de crimes – Delegado do 2º distrito policial Claudimiro Nogueira da Silva: causas: alto contingente populacional e grande número de residências e estabelecimentos comerciais. A maioria dos delitos são furtos. A Praça Boaventura é um problema sério, segundo o delegado, semanalmente prende-se receptadores e ladrões (os caxangueiros).

Nas manhãs de domingo, a Praça Boaventura abrigava a Feira da Marreta, destinada à comercialização de vários produtos, novos ou usados, de distintas procedências. Essa feira reunia uma grande quantidade de pessoas que comercializavam seus produtos sem qualquer controle legal, o que gerava suspeitas de sua procedência. Desse modo, a criminalidade apontada estava diretamente relacionada à feira, como recordou uma moradora: “a Praça era dia de domingo, era Praça da Marreta, sabe aquele povo que vinha vender coisas que roubavam [...]. Só dava gente assim mau elemento, sabe como que é? Você queria achar uma coisa que roubaram em Goiânia era vir na Feira da Marreta” (M.S.P.L. apud MATTOS, 2008, p.103). No final dos anos 1990, a feira foi transferida para outro local, fora dos limites do bairro.

Os anos 2000 é um prolongamento da década de 1990, ou seja, não se observa alterações substanciais no que tange a morfologia do bairro. A verticalização crescente da cidade dos últimos anos não atingiu o Setor Vila Nova como ocorreu em outras regiões urbanas. Os grandes equipamentos de qualquer natureza também não foram ali localizados. De certa maneira, percebe-se a perseverança de um estigma sobre o bairro, relacionado à sua origem operária e que repete a constante das cidades brasileiras, caracterizadas pelas fortes diferenças sociais.

As práticas cotidianas do bairro

Certeau (1996) ensinou: muito mais do que ver a cidade, deve-se praticá-la. Praticar a cidade significa reconhecer seus habitantes anônimos, as massas que a percorrem e nela inscrevem seus sinais. As práticas cotidianas conferem legibilidade

e significação ao espaço. No caso do bairro, coube a observação, os registros e a conversa informal com os praticantes de alguns lugares representativos de sua história. O exercício aproximou-se de uma etnografia, na medida em que o propósito é "adotar um olhar sobre a cidade e sua vida cotidiana, voltado para suas expressões sensíveis, na qual cada detalhe dessa vida da rua faz parte de um conjunto ao qual apresenta ao observador atento às imagens que a compõem" (ROCHA, EICKERT, 2013, p.14) .

As mudanças provocadas pela proximidade com o Centro não interferiram nos vínculos dos moradores mais antigos com seu lugar. Boa parte da população atual residente no bairro constitui-se de um grupo expressivo dos que lá chegaram nas décadas de 1930, 1940 e 1950, compondo uma população idosa que vivenciou a construção da cidade. Tiveram seu cotidiano marcado pela consolidação de seu bairro e estabeleceram relações sociais de proximidade entre si. Os hábitos e comportamentos ligam-se a um passado, geralmente, oriundos do interior rural goiano ou de outros estados. Muitas casas daquele tempo ainda resistem, mesmo parcialmente alteradas, e muitas lembranças partilhadas unem a elas seus moradores. Em algumas partes do bairro ainda é comum avistar pessoas sentadas nas cadeiras dos alpendres fronteiros a espiar o movimento da rua.

A contiguidade ao Setor Central não esmoreceu o comércio do bairro, pois ainda é motivo de atração para muitos de várias regiões da cidade. Ao comércio de lojas e supermercados de grandes redes misturam-se os lugares tradicionais. Existem produtos e serviços encontrados somente na Vila Nova e muitos deles concentram-se nas imediações da Praça Boaventura e no mercado local.

Atualmente, a Praça Boaventura é pouco frequentada por moradores do bairro para seus momentos de sociabilidade, mas ainda mantém-se viva nas suas memórias. Alguns desses velhos moradores do bairro se reúnem nos bares da parte externa do mercado voltada para a praça, outros a utilizam para jogar dama com amigos ou para simplesmente sentar e ver o tempo passar. Durante os dias de semana, há movimento intenso de pessoas a pé e à procura de profissionais

de transporte que oferecem serviços de frete nos seus próprios veículos, táxi e mototáxi. O uso do lugar por crianças se restringe ao parquinho no final da tarde, ele é cercado, em decorrência do fluxo intenso de automóveis. À noite, os jovens lancham nos quiosques que se distribuem no local. A praça também é ocupada seguidamente por moradores de rua que se alojam nos bancos sob a sombra das árvores frondosas. Os usos se alteraram ao longo do tempo, mas a centralidade da praça não se perdeu, ou seja, ainda aglutina significados para o bairro. (Figura 6)

Figura 6 -Usos da Praça Boaventura.



Fotos: Acervo da pesquisa, 2012

O Mercado Popular da Vila Nova situa-se na parte oeste da Praça Boaventura, ele ocupa o espaço onde anteriormente existia uma feira de frutas e verduras, e foi inaugurado em 1958. Possuía salas comerciais e de serviços nas partes externa e interna, garantindo atendimento para a vizinhança e bairros dos arredores. A sua arquitetura assemelhava-se ao Mercado Municipal do centro da Capital e manteve-se pulsante por cerca de 20 anos. Com o surgimento de outros estabelecimentos comerciais – em especial as grandes redes de abastecimento e shopping centers – e a falta de incentivo governamental na preservação de um patrimônio local, o antigo mercado entrou em declínio. O descaso que o atingiu tem suas origens muito antes do que se pensa, como pode ser observado nessa reclamação:

Os comandos sanitários da OSEGO deviam fazer uma visita ao Mercado da Vila Nova. Ali, os preceitos de higiene são desconhecidos ou propositalmente

relegados a segundo plano. O mau cheiro dos sanitários é insuportável. Os bares e restaurantes são sujos como as mais sórdidas birosucas das favelas. Os açougues ostentam péssimo aspecto e as bancas de frutas e verduras são um atentado à saúde pública (JORNAL CINCO DE MARÇO, 1968).

Nos dias atuais, o Mercado da Vila Nova possui basicamente as lojas da parte externa em funcionamento, muito diferente do que foi. A feira de verduras e frutas já não existe mais e muitas lojas internas estão fechadas. Grupos de homens, a maioria de aposentados, passam o dia conversando nas suas dependências. Assim, as relações de amizade e vizinhança mesclam-se às de compra e venda, sendo frequente encontrar antigos vendedores de jogo de bicho, sorveteiros e taxistas desempenhando, simultaneamente, as suas funções profissionais e o seu papel de vizinhos, amigos, fregueses e parceiros de jogos, nos arredores do Mercado.

É um estabelecimento ainda procurado por moradores do bairro, pessoas de regiões vizinhas e mais ainda por aqueles que se mudaram, mas possuem vínculos com o lugar, seja por serem antigos moradores da Vila Nova ou por terem adquirido o hábito de recorrer aos serviços oferecidos ali – conserto de panelas e eletrodomésticos, relojoeiro, chaveiro, amolador de alicates e tesouras, entre outros. Os produtos com público garantido são a carne, o fumo, as peças de geladeira, sapatos, roupas, utilidades domésticas – em especial aquelas tradicionais como torrador de café, lamparina ou chuveiro de balde – e outros. As barbearias nunca ficam vazias, os clientes são senhores cortando o cabelo ou fazendo a barba ou conversando com outros frequentadores. Aos domingos o movimento é garantido pelas pastelarias para qual concorrem não somente moradores, mas pessoas de toda a cidade que apreciam o pastel com suco do mercado da Vila Nova. (Figuras 7, 8, 9, 10)

A feira livre que existia no local do Mercado foi transferida para outros lugares do bairro até fixar-se na 9ª Avenida. Acontece todas as manhãs de domingo na 9ª Avenida, são comercializadas frutas, verduras, queijos, farinhas e doces provenientes anteriormente de sítios e fazendas dentro da cidade e, posteriormente, com a expansão urbana, produzidos fora e vendidos não necessariamente por

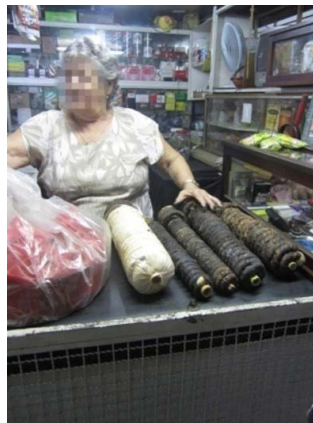
seus produtores. As calçadas e ruas são ocupadas por barracas e o automóvel é impedido de passar dando lugar a um espaço de compra, venda passeio e encontros.

Figura 7 - Loja de consertos gerais.



Fotos: Acervo da pesquisa, 2012

Figura 8 - Vendedora de fumo do Mercado.



Fotos: Acervo da pesquisa, 2012

Figura 9 - Chuveiro de balde. Loja do Mercado.



Fotos: Acervo da pesquisa, 2012

Figura 10 - Usos atuais do Mercado da Vila Nova.

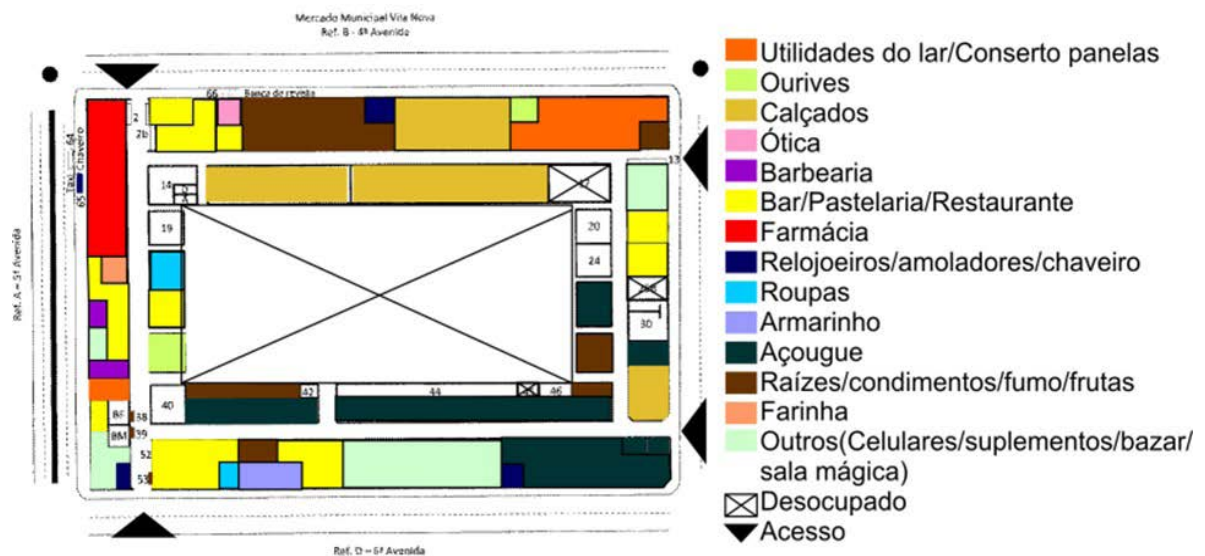


Foto: Acervo da pesquisa, 2012

A feira tornou-se rotina na vida da maioria dos moradores, não se restringindo a eles, ela se transformou em um evento que ultrapassa as fronteiras da Vila Nova. A qualidade e a procedência dos produtos são o principal motivo de atração. Os frequentadores buscam produtos agropecuários e, segundo eles, mais frescos e

baratos, muitas vezes transportados por carroças, e aproveitam para comer os tradicionais pastéis e os biscoitos de polvilho fritos. Em meio ao burburinho das compras, há sempre um artista, como o sanfoneiro em busca de alguns trocados. (Figuras 11 e 12)

Figura 11 - Feira Livre, 9ª Avenida.



Foto: Acervo da pesquisa, 2012.

Figura 12 - Carroças e tocador de sanfona.



Foto: Acervo da pesquisa, 2012.

Além da praça, do mercado e da feira, o Instituto de Educação ainda é uma relevante presença no bairro, por ser uma escola estadual de ensino fundamental e médio, funcionando em todos os turnos. A área onde se situa comporta também uma instituição estadual de ensino superior e uma escola pública de artes. A calçada que limita seu perímetro é bastante utilizada para caminhadas dos moradores das cercanias e por ambulantes que atendem ao fluxo de alunos. (Figura 13)

A Igreja Católica do Sagrado Coração de Jesus existe na Praça Boaventura desde a década de 1940 e ocupa um lugar significativo na paisagem e memória do bairro. A tipologia da igreja não lhe dá legibilidade imediata. Ela reúne grande quantidade de fiéis, principalmente aos domingos pela manhã, onde o público também é de crianças e adolescentes, geralmente frequentadores da escola dominical. É um

ponto de encontro entre velhos e novos moradores e atrai pessoas de bairros vizinhos que se deslocam pela tradição e vínculo com a igreja.

Figura 13 – Instituto de Educação de Goiás. Fachada.



Foto: Acervo da pesquisa, 2012.

19

A Igreja Católica do Sagrado Coração de Jesus existe na Praça Boaventura desde a década de 1940 e ocupa um lugar significativo na paisagem e memória do bairro. A tipologia da igreja não lhe dá legibilidade imediata. Ela reúne grande quantidade de fiéis, principalmente aos domingos pela manhã, onde o público também é de crianças e adolescentes, geralmente frequentadores da escola dominical. É um ponto de encontro entre velhos e novos moradores e atrai pessoas de bairros vizinhos que se deslocam pela tradição e vínculo com a igreja.

De todos os lugares que fizeram a história do bairro, o Parque Botafogo, assim como o córrego de mesmo nome, não se manteve presentes no cotidiano do bairro. O parque foi drasticamente reduzido e separado do bairro pela canalização do córrego, que resultou na construção de pistas de automóveis. A cisão foi irreparável. Desse lugar, resta apenas a memória de seus moradores:

Nós andávamos muito ali naquela mata, ali. Brincava muito de pique ali por dentro. Depois que passou a Av. Araguaia, não tinha a Av. Araguaia ali. O bosque era um bosque, direto” (V.C. apud MATTOS, 2008, p.121).

Era muito bom, muito bonito. Tinha aqui, ainda tem, essa matazinha, que a gente chama mata. Ali era mata, mata cerrada mesmo. E daqui da Vila Nova, daqui a gente ia para o Centro, passava em trieiros, aqui não tinha casa. [...] A gente chamava de mata do Botafogo (L.A.V. apud MATTOS, 2008, p.119).

Além desses lugares que fazem parte da vida do bairro, destaca-se ainda a Liga dos Amigos da Vila Nova que, desde a década de 1940, congrega moradores interessados em promover o seu lugar na cidade. Fundada em um tempo de luta e de conquistas significativas, atualmente, a Liga não tem mais a mesma atuação do passado. Em contrapartida, o time de futebol do bairro, o Vila Nova Futebol Clube, fundado nos anos de 1940 por trabalhadores da construção civil, mantém-se vivo e arrasta milhares de torcedores de toda a cidade. O time tornou-se maior que o bairro e nem sempre a sua origem é lembrada e conhecida por todos.

20

Considerações Finais

O bairro Vila Nova nasceu de uma inconformidade no plano urbano da nova capital de Goiás, foi fruto da ocupação informal da população vinda para construí-la. Na história da construção de cidades capitais ou novas, esse fato não é incomum, para lembrar talvez o mais emblemático e próximo a Goiânia, tem-se o caso de Brasília e de suas cidades satélites Taguatinga e Cidade Livre, hoje núcleo Bandeirante. Tal como o Bairro Vila Nova, a origem dessas cidades-bairros encontra-se no fluxo de gente que ocupava os vazios mais próximos do grande canteiro de obras onde esperavam encontrar trabalho e melhores condições de vida.

Quando esses lugares são institucionalizados e incorporados à cidade projetada, eles sofrem regularizações urbanísticas, tais como alinhamentos, remoções, criação de espaços públicos e institucionais, que se sobrepõem ao espaço das práticas estabelecidas fundantes dos lugares de vida.

Todavia, esses desenhos reguladores destoam da monumentalidade dos planos urbanísticos das cidades que lhes originaram. A regra é a parcimônia e exiguidade nos espaços públicos, na arborização, na dimensão dos lotes.

O Setor Leste nasceu como vila e como vila se consolidou. Sua dinâmica assemelha-se a de tantos outros bairros populares e operários das cidades brasileiras. Neles, a estrutura fundiária, embora pareça inalterada no tempo, ela sofre mudança segundo os arranjos de vida de seus moradores. São comuns as histórias de famílias, cujos filhos crescem, se casam e constroem suas casas no quintal da casa dos pais. Um mosaico de moradias, ao longo do tempo, reconfigura o tecido urbano, tornando-o mais denso. O que aparentemente pode parecer estático encontra-se em movimento e transformação, cujo ritmo não é o frenético da especulação imobiliária – o que pode ocorrer, em casos de bairros que sofrem com a gentrificação.

21

As casas do Bairro Vila Nova são singelas e nos remetem às construções vernaculares e à paisagem das cidades interioranas. Neste pedaço de Goiânia inscreve-se uma história, cujo testemunho material encontra sentido na narrativa de seus moradores. A memória coletiva, como nos ensinou Halbwachs (1990), é construída pelos grupos sociais com a partilha de um espaço, de circunstâncias e de eventos. Os moradores do Bairro Vila Nova construíram seu lugar de vida, suas lutas e enfrentamentos estão inscritos no chão da capital de Goiás. Buscamos neste artigo, através do depoimento de moradores da Vila Nova e suas vivências cotidianas, conhecer o significado do seu bairro, ouvindo-os pudemos superar os limites de entendimento do seu registro físico, para alçar um conteúdo mais completo para uma história urbana.

Referências

ALVARES, Geraldo Teixeira. **A luta na epopeia de Goiânia**. Rio de Janeiro: Gráfica Jornal do Brasil, 1942.

BRESCIANI, Maria Stella. «As sete portas da cidade», **Espaço & Debates Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, ano XI, n.34 (1991): 10-18.

BRZEZINSKI, I. «Instituto de Educação de Goiás (1937-1972): o movimento instituinte-instituído». Em VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2006, 5256-5269.

CAUQUELIN, Anne. **Essai de philosophie urbaine**. Paris: PUF, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DAHER, Tania. **Goiânia, uma utopia europeia no Brasil**. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2003.

FONSECA, Cláudia Damasceno. «Vila». Em **A Aventura das palavras da cidade: através dos tempos, das línguas e das sociedades, organizado por** : Christian Topalov, 654-665. et al, São Paulo: Romano Guerra, 2014.

GONÇALVES, Alexandre Rodrigues. **Goiânia: uma modernidade possível**. Brasília: Ministério da Integração Regional, UFG, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LIRA, José Tavares Correia de. «Bairro». Em **A Aventura das palavras da cidade: através dos tempos, das línguas e das sociedades**, organizado por Christian Topalov et al, 85-100. São Paulo, Romano Guerra, 2014.

MATTOS, Sílvia Clímaco. «**Memória e cidade: lembranças do Bairro Vila Nova – 1930 ao tempo presente.**» Dissertação de Mestrado, Faculdade de História, Universidade de Brasília, 2008.

OLIVEIRA, Hélio. **Eu vi Goiânia crescer**: décadas de 50 e 60. Goiânia: Ed. do Autor, 2008.

ROCHA, Ana Luiza, y Cornelia Eckert. **Etnografia de rua**: estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2013.

SEM AUTOR, **Jornal Cinco de Março**, Goiânia, 23 de dezembro de 1968

SEM AUTOR, «Cidade», **Jornal Debate** Goiânia, n.19, 06 de junho de 1948.

SEM AUTOR, «Cidade», **Jornal Debate** Goiânia, n.20, 13 de junho de 1948.

SEM AUTOR, **Jornal Folha de Goyaz**, Goiânia, nº3671, 4 de fevereiro de 1958.

SEM AUTOR, **Jornal O Popular**, Goiânia, 14 de novembro de 1993

M. **Entrevista feita por Adriana Oliveira e Elane Peixoto**. 15 de abril de 2007.

NOTA

Este artigo integra a pesquisa Cidade em quadros: estudos de Goiânia que recebeu recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás do Estado de Goiás (FAPEG). Uma versão desse artigo foi apresentada e publicada nos anais da 4ª Conferência do PNUM Morfologia Urbana e os desafios da urbanidade, realizada em Brasília em 2015.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 29/11/2022

APROVADO EM: 04/12/2022

PUBLICADO EM: 09/12/2022